

REVISITANDO OS CLÁSSICOS DO PASSADO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NAS CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS*REVISITING THE CLASSICS OF THE PAST: AN INTERDISCIPLINARY APPROACH IN HUMAN AND NATURAL SCIENCES*Anselmo Ronsard Cavalcanti¹Rudan Quinderé Cavalcanti²**RESUMO**

Este artigo analisa três obras clássicas que contribuíram significativamente para a compreensão dos processos civilizatórios e culturais da humanidade: *O Que Aconteceu na História*, de Gordon Childe, publicado em 1942; *O Processo Civilizatório*, de Darcy Ribeiro; e *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, de José Azevedo Dantas. Cada autor, em seu contexto histórico e científico, oferece perspectivas únicas sobre as dinâmicas históricas e culturais que moldaram o passado da humanidade. Gordon Childe explora os impactos das revoluções tecnológicas e sociais em contextos globais, enquanto Darcy Ribeiro aborda as contribuições dos povos ameríndios e africanos, questionando narrativas eurocêntricas. Já José Azevedo Dantas destaca a relevância do conhecimento empírico na arqueologia e na paleontologia, mesmo sem os recursos formais da academia. Ao revisar essas obras, o artigo propõe um diálogo interdisciplinar que une história, antropologia e arqueologia, reafirmando a atualidade dessas reflexões no entendimento do presente.

Palavras-chave: Processos civilizatórios; historiografia; interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article analyzes three classic works that contributed significantly to the understanding of humanity's civilizing and cultural processes: *What Happened in History*, by Gordon Childe, published in 1942; *The Civilizing Process*, by Darcy Ribeiro; and *Evidence of an Ancient Civilization*, by José Azevedo Dantas. Each author, in their historical and scientific context, offers unique perspectives on the historical and cultural dynamics that shaped humanity's past. Gordon Childe explores the impacts of technological and social revolutions in global contexts, while Darcy Ribeiro addresses

1 Docente do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, especialista pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e mestre em Desenvolvimento Regional no Programa de Pós- Graduação da Universidade Estadual da Paraíba – PPGDR/UEPB. E-mail: anselmo.ronsard@yahoo.com.br

2 Graduado do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: rudan.quindere@estudante.ufcg.edu.br



the contributions of Amerindian and African peoples, questioning Eurocentric narratives. José Azevedo Dantas highlights the relevance of empirical knowledge in archeology and paleontology, even without the formal resources of academia. By revisiting these works, the article proposes an interdisciplinary dialogue that unites history, anthropology and archeology, reaffirming the relevance of these reflections in understanding the present.

Keywords: Civilization processes; historiography; interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Obras de inspiração

Como algo austero e despojado

Com a exclusividade de tradição

Pleno de significado

Uma obra atemporal

De uma arte impecável com conexão afetiva

Expressão artística universal

Numa linguagem que cativa

Mônica Quinderé (2007)

A compreensão dos processos civilizatórios e das dinâmicas culturais que moldaram a humanidade sempre foi objeto de intensa investigação acadêmica. Desde os primeiros registros sobre a história natural e a evolução cultural até as reflexões contemporâneas, o estudo desses fenômenos é fundamental para desvendar o papel das interações humanas e ambientais ao longo do tempo. Dentro dessa perspectiva, algumas obras se destacam como pilares fundamentais do pensamento histórico e antropológico, transcendem seu contexto original e permanecem relevantes para as ciências humanas.

Este artigo se propõe a revisitar três dessas obras que, mesmo escritas em épocas e condições diversas, compartilham um objetivo comum: oferecer explicações abrangentes para os grandes processos civilizatórios. *O Que Aconteceu na História*, de Gordon Childe, é um marco na arqueologia e na história global, ao explorar as revoluções tecnológicas que impulsionaram o progresso humano. *O Processo Civilizatório*, de Darcy Ribeiro, por sua vez, contribui com uma visão descolonizada e antropológica, destacando o papel das civilizações africanas e ameríndias na formação das sociedades modernas. Por fim, *Indícios de uma Civilização*



Antiguíssima, de José Azevedo Dantas, apresenta um exemplo único de produção de conhecimento empírico e autodidata no contexto brasileiro, valorizando a arqueologia e a paleontologia como formas de preservar a memória cultural.

A análise dessas obras busca não apenas evidenciar suas contribuições individuais, mas também propor um diálogo interdisciplinar que articula história, antropologia e arqueologia. Tal abordagem é essencial para interpretar não apenas o passado, mas também as transformações culturais e sociais que se manifestam no presente. Revisitar esses clássicos é, portanto, mais do que um exercício acadêmico; é um chamado para refletir sobre as múltiplas trajetórias da humanidade e a importância de reconhecer as contribuições de diferentes tradições de pensamento.

Ao longo deste artigo, serão discutidas as principais ideias e argumentos apresentados pelos autores, bem como suas relevâncias no cenário contemporâneo. Além disso, pretende-se mostrar como a leitura crítica dessas obras continua a inspirar novas interpretações e aplicações no campo das ciências humanas. Com isso, reafirmamos a máxima de Ítalo Calvino: visitar clássicos não apenas ilumina o passado, mas enriquece o presente e guia o futuro do pensamento científico.

OS GRANDES PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS NA HISTÓRIA

A história da humanidade é marcada por uma série de transformações que moldaram não apenas as sociedades, mas também a maneira como entendemos a trajetória humana ao longo do tempo. Esses processos civilizatórios, desde os primeiros avanços tecnológicos até as mais complexas organizações sociais, revelam as profundas interconexões entre cultura, economia e meio ambiente. Diversos estudiosos dedicaram suas obras a desvendar as dinâmicas que fundamentam essas mudanças históricas, propondo modelos e interpretações que desafiam visões simplistas e eurocêntricas.

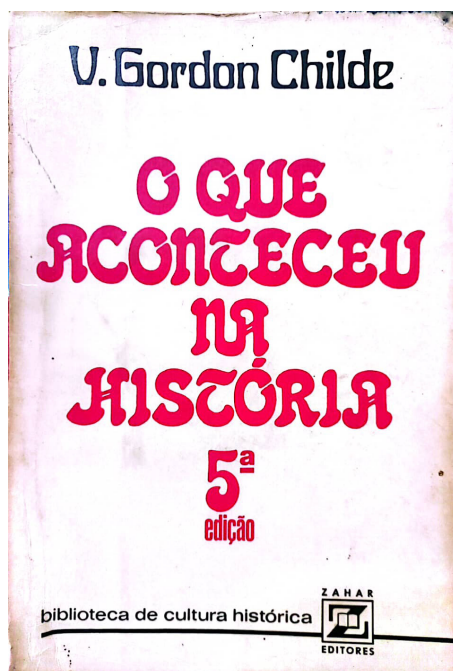
Nessa perspectiva, dois grandes nomes se destacam ao abordar a evolução das civilizações: Gordon Childe, cujas análises arqueológicas traçam as bases do desenvolvimento humano, e Darcy Ribeiro, que amplia esse horizonte ao explorar as especificidades dos povos ameríndios e sua contribuição para uma visão descolonizada da história. Suas obras oferecem uma leitura abrangente sobre os caminhos trilhados pela humanidade, equilibrando o rigor acadêmico com uma narrativa acessível e profundamente reflexiva.

CHILDE E A ARQUEOLOGIA DA HUMANIDADE

Gordon Childe (1892–1957), um dos maiores linguistas do século XX, foi responsável por estabelecer importantes conexões entre os avanços tecnológicos e as transformações sociais que marcaram os grandes processos civilizatórios da história humana. Em sua obra *O Que Aconteceu na História*, publicado primeiramente no ano de 1942 e revisitado em edições posteriores, como a versão de 1981 trabalhada nesse artigo (figura 1), Childe apresenta uma visão integrada e profunda dos processos históricos, mostrando como as mudanças

tecnológicas não apenas alteraram a maneira como as sociedades humanas se organizavam, mas também tiveram um impacto direto nas suas estruturas sociais, políticas e econômicas.

FIG. 1. CAPA DO LIVRO O QUE ACONTECEU NA HISTÓRIA, VERSÃO 1981.



FONTE: ACERVO PRÓPRIO (2024).

Em particular, o autor destaca a Revolução Neolítica como o marco inicial das sociedades complexas. A transição de um modo de vida baseado na caça e coleta para a prática da agricultura e do pastoreio representou, para ele, uma verdadeira revolução não só na forma de subsistência, mas também nas relações sociais e na organização política das comunidades. Com a domesticação de plantas e animais, as primeiras sociedades começaram a acumular excedentes alimentares, o que possibilitou a formação de assentamentos permanentes e, eventualmente, o surgimento de hierarquias sociais, estruturas políticas centralizadas e práticas culturais complexas.

A arqueologia é antes o estudo das culturas do que de uma cultura. À variedade de tipos é testemunho da multiplicidade de tradições sociais que governam sua confecção e emprego. Uma uniformidade notável de tipos em certo grupo local e cronológico, ou cultural, revela apenas a uniformidade e rigidez de tradições que atuam sobre seus membros. Como as peculiaridades dos tipos componentes são determinadas antes pela convenção do que pela função, a cultura deve corresponder a um grupo social que respeita as convenções peculiares e mantém a tradição social. Seria precipitado tentar definir precisamente que espécie de grupo social corresponde à “cultura” do arqueólogo (CHILDE, 1981, p. 22).



A partir dessa mudança fundamental, Childe (1981) propõe que a história natural e a história humana se fundem, com a primeira fornecendo o contexto material e a segunda desenvolvendo as formas de organização e interação social. Essa ideia é especialmente visível na comparação que o autor faz entre o desenvolvimento humano e as ideias de outros pensadores evolucionistas, como Charles Darwin, em *A Origem das Espécies* (1859), e Friedrich Engels, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884); ambos o influenciaram em sua análise das dinâmicas evolutivas que, para ele, não envolvem apenas a biologia, mas também a evolução das formas sociais e políticas.

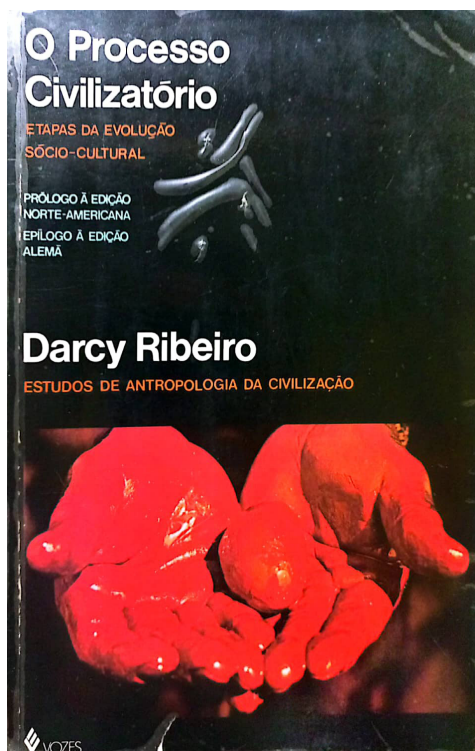
Além disso, a obra de Childe (1981) se destaca por sua interdisciplinaridade. Ele não apenas aborda a arqueologia de maneira isolada, mas dialoga com a antropologia, a história e a sociologia, procurando entender os processos históricos sob uma ótica mais abrangente. Ao associar as revoluções tecnológicas, como a invenção da roda e o desenvolvimento da metalurgia, com mudanças nos comportamentos e nas estruturas sociais, o autor contribui para uma compreensão mais holística e dinâmica da história humana.

A análise oferece uma compreensão profunda dos grandes processos que moldaram a humanidade, destacando como as inovações tecnológicas não apenas alteraram as condições materiais de vida, mas também transformaram radicalmente as formas de organização social e política, dando origem às primeiras civilizações complexas. Sua obra permanece fundamental para aqueles que buscam entender as interações entre cultura, tecnologia e sociedade ao longo da história.

DARCY RIBEIRO E A DESCOLONIZAÇÃO DA HISTÓRIA

Darcy Ribeiro, em *O Processo Civilizatório* (1985), apresenta uma análise profunda e inovadora das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldaram as civilizações ao longo do tempo. Neste trabalho, Ribeiro vai além de uma perspectiva eurocêntrica tradicional, propondo uma abordagem descolonizada e inclusiva da história da humanidade. Por meio de uma narrativa rica em detalhes e amplamente fundamentada, o autor delinea os grandes processos civilizatórios, destacando suas implicações para o entendimento das relações humanas e de suas organizações sociais.

FIG. 2. CAPA DO LIVRO O PROCESSO CIVILIZATÓRIO, VERSÃO 1985.



FONTE: ACERVO PRÓPRIO (2024).

Ribeiro identifica, no cerne de sua argumentação, a Revolução Agrícola como o marco inicial de uma transformação sem precedentes. Segundo ele, o advento da agricultura não apenas garantiu a subsistência humana de maneira mais eficiente, mas também permitiu o surgimento de estruturas sociais mais complexas. A partir dessa base, Ribeiro argumenta que o processo civilizatório pode ser dividido em três grandes etapas: a formação das primeiras aldeias, o surgimento das cidades-estado e a expansão dos impérios. Cada uma dessas etapas é examinada sob uma lente crítica, que considera tanto os avanços quanto os retrocessos no desenvolvimento humano, destacando que essas etapas foram marcadas por profundas mudanças econômicas e culturais, as quais criaram as bases para a construção das sociedades modernas.

Tais são a selvageria, a barbárie e a civilização, cada uma das quais subdividida em três idades: a inferior, a média e a superior. À partir da selvageria inferior, correspondente à economia de simples coleta de frutos, raízes e nozes, o homem alcançaria a etapa média, com o uso do fogo e a economia da pesca; e a superior, com a descoberta do arco e flecha. A barbárie teria início com a cerâmica, desdobrando-se, na etapa média, com a domesticação de plantas e animais, a irrigação, a edificação com tijolos e pedra, e passando à superior com a fabricação de instrumentos de ferro. A civilização iniciaria-se com a escrita fonética. À cada uma dessas etapas de progresso tecnológico, Morgan faz corresponder modos particulares de organização social e conteúdos especiais da visão do mundo e dos corpos de crenças e valores (RIBEIRO, 1985, p. 35).



Um aspecto central de *O Processo Civilizatório* é a valorização das contribuições das civilizações ameríndias, africanas e asiáticas, frequentemente marginalizadas na história tradicional. Ribeiro (1985) destaca, por exemplo, os sistemas de produção agrícola desenvolvidos pelos povos ameríndios, como os terraços de cultivo nos Andes e os sofisticados métodos de manejo florestal na Amazônia. Ele também enfatiza as complexas estruturas políticas e sociais das civilizações africanas, como o Império Mali e o Reino de Axum, e a inovação tecnológica presente nas dinastias chinesas e nas culturas do sul da Ásia. Esses exemplos ilustram como tais sociedades alcançaram elevados níveis de organização e conhecimento, desafiando a narrativa eurocêntrica que muitas vezes minimiza ou ignora essas realizações.

Outro ponto de destaque é a análise que o autor faz das relações entre cultura e tecnologia, argumentando que o desenvolvimento tecnológico é um fator crucial na evolução das sociedades, mas que não pode ser compreendido isoladamente. Para o autor, a tecnologia está intrinsecamente ligada às estruturas de poder e às dinâmicas culturais, o que significa que seu impacto varia amplamente dependendo do contexto social em que é implementada. Por exemplo, ele menciona como os avanços na metalurgia e na irrigação foram determinantes para a consolidação de sociedades hierárquicas e centralizadas. No entanto, também alerta que essas inovações frequentemente exacerbaram desigualdades sociais ao serem monopolizadas por elites dominantes.

[...] o desenvolvimento das sociedades e das culturas é regido por um princípio orientador assentado no desenvolvimento acumulativo da tecnologia produtiva e militar, de que acertos avanços nessa linha progressiva correspondem mudanças qualitativas de caráter radical, que permitem distingui-los como etapas ou fases da evolução sociocultural; de que a essas etapas de progresso tecnológico correspondem alterações necessárias, e por isso mesmo uniformes, nos modos de organização da sociedade e de configuração da cultura, que designamos como formações socioculturais (RIBEIRO, 1985, p. 47).

Ribeiro (1985) também aborda a questão das desigualdades sociais e econômicas como uma consequência inevitável, mas não irreversível, do processo civilizacional. Ele ressalta que as divisões de classe e as estruturas hierárquicas foram consolidadas ao longo da história, muitas vezes justificadas por discursos ideológicos e religiosos. Contudo, o autor aponta para a resistência das populações subalternas como um elemento essencial na busca por maior justiça social, o que confere à obra um caráter tanto analítico quanto propositivo. Ele enfatiza que a história humana não é apenas a história das elites, mas também das massas, que muitas vezes desafiaram e remodelaram as estruturas de poder.

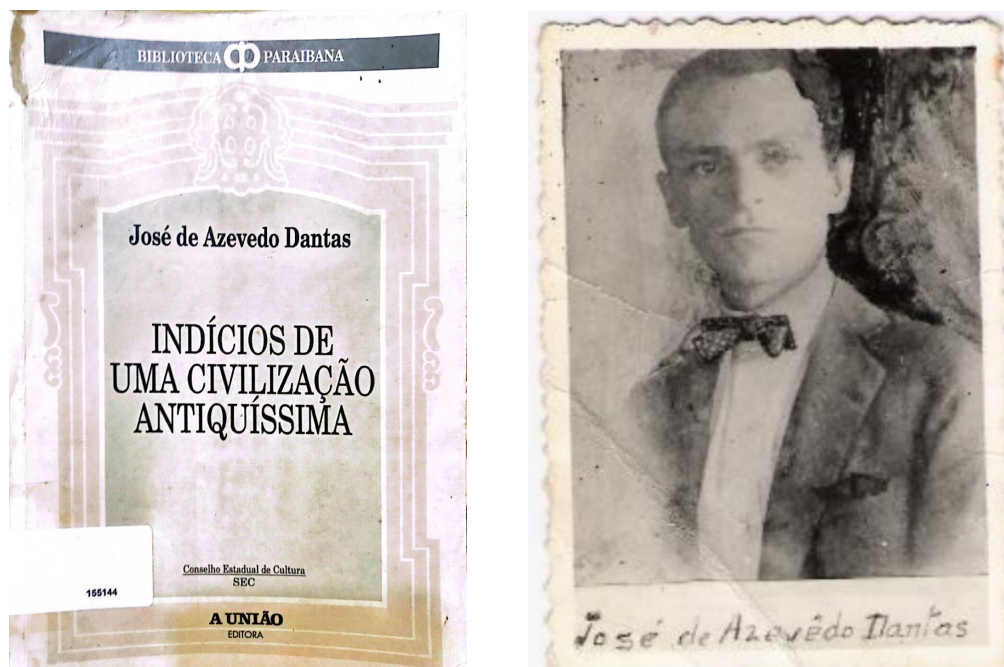
Por fim, o autor reflete sobre a globalização e seus impactos no processo civilizatório contemporâneo argumentando que, embora a integração global tenha proporcionado avanços significativos em áreas como ciência e tecnologia, ela também aprofundou desigualdades e tensões culturais. Ribeiro (1985) propõe uma análise crítica da modernidade, destacando a necessidade de um desenvolvimento mais equilibrado e inclusivo, que respeite as diversidades culturais e busque reduzir as disparidades sociais.

A CIÊNCIA DA DEDICAÇÃO: O CASO DE JOSÉ AZEVEDO DANTAS

José de Azevêdo Dantas (1911–1996), natural de Carnaúba dos Dantas, no Estado do Rio Grande do Norte, surge como uma figura proeminente na história da arqueologia brasileira, especialmente no que concerne ao estudo das inscrições rupestres e ao entendimento das civilizações pré-históricas do semiárido nordestino. Sua trajetória destaca-se tanto pela relevância das descobertas quanto pela singularidade de sua abordagem, marcada pela combinação de rigor empírico, criatividade e superação das limitações impostas pelo contexto histórico e tecnológico de sua época.

O trabalho de Dantas iniciou-se na década de 1920, período em que realizou registros detalhados das pinturas e gravuras rupestres de municípios como Acari, Carnaúba dos Dantas, Parelhas e Jardim do Seridó, no Rio Grande do Norte, estendendo-se para localidades na Paraíba e Pernambuco, como Picuí e Campina Grande. Esses registros, compilados na obra *Indícios de uma Civilização Antiquíssima* (1925), representam um marco na arqueologia brasileira. A obra, composta por 307 lâminas desenhadas manualmente, reflete não apenas a sensibilidade artística do autor, mas também sua intenção de preservar, de forma sistemática, os vestígios culturais deixados pelos antigos habitantes da região.

FIG. 3. CAPA DO LIVRO INDÍCIOS DE UMA CIVILIZAÇÃO ANTIQUÍSSIMA, À ESQUERDA (A). REGISTRO FOTOGRÁFICO DE JOSÉ DE AZEVEDO DANTAS, À DIREITA (B).

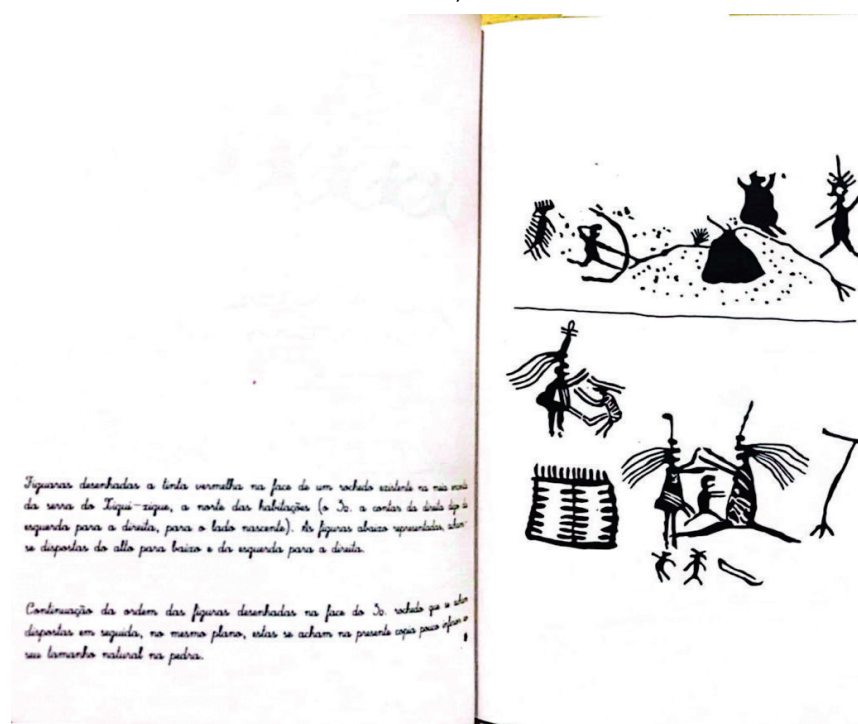


FONTE: ACERVO PRÓPRIO (A). HELDER MACHADO (B)

Dantas, ao abordar as inscrições rupestres, desafiou explicações simplistas ou religiosas que prevaleciam à época, como as que atribuíam as marcas nas rochas a fenômenos naturais ou à intervenção divina. Por meio

de análises detalhadas, sustentava que essas inscrições não eram fruto de casualidade, mas sim evidências materiais de uma civilização pré-histórica desconhecida, cujas práticas simbólicas e sociais eram complexas e mereciam investigação aprofundada. Tal postura, ainda que rudimentar sob a ótica dos métodos científicos modernos, inaugurou uma perspectiva que valorizava a autonomia cultural e histórica dos povos indígenas e pré-históricos do Brasil.

FIG. 4. PÁGINA ESCANEADA DA OBRA INDÍCIOS DE UMA CIVILIZAÇÃO ANTIQUÍSSIMA (1925), DE DANTAS, CONTENDO REGISTROS DAS PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES REALIZADAS NOS ESTADOS DO RIO GRANDE DO NORTE, PARAÍBA E PERNAMBUCO



FONTE: ACERVO PRÓPRIO (2024)

A contribuição de Dantas não se restringiu às inscrições rupestres. Ele dedicou-se, também, ao estudo de outros elementos arqueológicos, como as urnas funerárias indígenas, encontradas no Cariri e no Curimataú. Essas urnas, utilizadas para o depósito de restos mortais, eram interpretadas por Dantas como elementos que transcendiam o uso utilitário, incorporando significados culturais e religiosos que revelavam as crenças e a organização social dos povos pré-históricos. Para Dantas, essas urnas eram parte de um sistema cultural complexo, que refletia as interações entre os grupos humanos e o ambiente semiárido.

As figuras humanas e de animais gravados a tinta vermelha se acham completamente separados dos hieróglifos cavados nas rochas. Além disso, estes se encontram somente nos rochedos e lagedos das cachoeiras e quedas d'água, em leito de rios e riachos e aquelas exclusivamente nos altos rochedos das encostas, principalmente onde existe funda concavidade. (DANTAS, 1994, p. 11).

A abordagem de Dantas envolvia não apenas a documentação visual, mas também a tentativa de interpretar os significados por trás dos artefatos e das inscrições. Ele buscava identificar padrões nos registros rupestres e estabelecer conexões entre eles e as práticas culturais das civilizações pré-históricas. Por meio dessa análise, Dantas contribuiu para o entendimento de questões como a organização social, os rituais e as relações simbólicas desses povos com a natureza.

Não se trata da existencia do gentio brasileiro e sim de uma antiquissima civilização prehistorica, talvez dos tempos neolithicos, pelas formas e signaes que apresentam essas figuras em contraste com as dos indigenas, historicamente conhecidas. (DANTAS, 1994)

Outro aspecto notável de sua obra foi a tentativa de contextualizar as evidências arqueológicas dentro de um panorama histórico mais amplo. Dantas defendia que as inscrições e os artefatos encontrados no Nordeste não deveriam ser vistos como fragmentos isolados, mas como partes de uma narrativa maior que evidenciava a complexidade e a antiguidade das culturas que habitaram o semiárido brasileiro. Essa perspectiva permitiu que ele questionasse interpretações eurocêntricas ou que atribuíssem as inscrições a influências externas, enfatizando a autonomia cultural dos povos indígenas e pré-históricos.

FIG. 5. PÁGINAS ESCANEADAS DA OBRA CONTENDO REGISTROS DAS PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES.



FONTE: ACERVO PRÓPRIO

A metodologia de Dantas, embora limitada pelos recursos disponíveis, foi marcada por um rigor surpreendente para sua época. Ele utilizava técnicas rudimentares, como a reprodução manual das inscrições

em lâminas de papel, e registros textuais detalhados, que combinavam observações empíricas e reflexões teóricas. Embora não dispusesse de ferramentas como câmeras ou instrumentos modernos de análise, sua dedicação e precisão no trabalho de campo garantiram a preservação de informações valiosas para futuras gerações de pesquisadores.

Sua contribuição à arqueologia brasileira vai além dos achados materiais. Dantas também desempenhou um papel importante na construção de uma consciência patrimonial, enfatizando a necessidade de preservar e valorizar os vestígios arqueológicos como parte integrante da história cultural do Brasil. Ele compreendia que a arqueologia não se limitava à coleta de objetos, mas envolvia a interpretação e a ressignificação dos mesmos como peças fundamentais para entender o passado.

FIG. 6. PÁGINAS ESCANEADAS DA OBRA CONTENDO REGISTROS DAS PINTURAS E GRAVURAS RUPESTRES.



FONTE: ACERVO PRÓPRIO (2024)

O legado de José de Azevêdo Dantas é, portanto, multifacetado. Sua obra não apenas abriu caminho para investigações mais sofisticadas sobre as civilizações pré-históricas do Nordeste, mas também estabeleceu as bases para uma arqueologia que valoriza as culturas locais e suas contribuições para a história da humanidade. Em um contexto de recursos escassos e desafios materiais, Dantas demonstrou que a dedicação e a paixão pela pesquisa podem superar barreiras, deixando um impacto duradouro na ciência arqueológica brasileira.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das civilizações antigas e dos processos civilizatórios que compõem a história humana, especialmente no Brasil, revela a complexidade e a pluralidade dos fatores que influenciam as sociedades ao longo do tempo. Ao longo deste trabalho, foram analisadas as contribuições de três pensadores-chave: Gordon Childe, Darcy Ribeiro e José Azevedo Dantas. Cada um desses autores trouxe uma perspectiva única, mas complementar, sobre o desenvolvimento das civilizações, a evolução dos povos e a formação de identidades culturais, oferecendo elementos essenciais para a compreensão do passado e suas implicações no presente.

Gordon Childe, por meio de sua abordagem integradora, destacou a importância dos processos tecnológicos e sociais na constituição das primeiras civilizações. Sua análise da Revolução Neolítica como um divisor de águas nas sociedades humanas não apenas aprofundou o entendimento sobre o desenvolvimento de sistemas complexos de organização social, mas também propôs uma forma de conectar as transformações materiais às mudanças nas estruturas culturais e políticas. Em suas obras, como *O Que Aconteceu na História*, Childe traçou uma linha contínua entre os avanços tecnológicos e a ascensão de novas formas de organização social, associando a história natural à história humana de forma dinâmica e interligada. Este olhar holístico e interdisciplinar é uma marca de sua contribuição, permitindo uma visão mais ampla das origens e das transformações das sociedades antigas.

Por outro lado, Darcy Ribeiro apresentou uma visão crítica e renovadora da história, desafiando os relatos coloniais e a marginalização das civilizações indígenas e pré-coloniais. Seu trabalho foi essencial para a desconstrução das narrativas eurocêntricas que dominaram os estudos históricos sobre o Brasil e a América Latina. Ribeiro propôs uma descolonização do conhecimento, destacando a importância de resgatar as experiências e perspectivas dos povos nativos, cujas contribuições haviam sido sistematicamente desvalorizadas. Sua crítica à visão tradicional da história brasileira, e a defesa de uma abordagem mais inclusiva, ampliou os horizontes da antropologia e da história, permitindo uma reinterpretação mais justa e precisa do papel dos povos indígenas na formação das sociedades contemporâneas.

José Azevedo Dantas, com sua pesquisa sobre as inscrições rupestres encontradas nos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, trouxe à tona um aspecto pouco explorado da arqueologia brasileira. Seu trabalho, *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*, não se limitou ao registro de vestígios materiais, mas procurou compreender as dimensões simbólicas e culturais dos objetos encontrados. Ao analisar as inscrições rupestres e as urnas funerárias, Dantas propôs a existência de uma civilização pré-histórica que, embora desconhecida, deixara marcas visíveis no território nordestino. Sua análise, que desafiava a visão tradicional sobre a origem dessas inscrições, refletiu um esforço em situar o Brasil dentro de um contexto mais amplo de desenvolvimento humano, revelando a importância de se investigar as raízes culturais e históricas do país por meio de uma abordagem empírica e interpretativa.

Juntas, as contribuições de Childe, Ribeiro e Dantas oferecem uma visão multifacetada sobre o desenvolvimento das civilizações, onde aspectos tecnológicos, sociais e culturais se entrelaçam para formar



as bases das sociedades humanas. A obra de Childe, com sua ênfase na evolução dos processos materiais e sociais, oferece um arcabouço teórico robusto para a análise de sociedades antigas, enquanto a crítica de Ribeiro à história colonial proporciona uma nova perspectiva sobre as civilizações indígenas e a formação do Brasil. A pesquisa de Dantas, focada nas inscrições rupestres e na arqueologia nordestina, é um exemplo do esforço contínuo para compreender o passado a partir das fontes materiais e culturais de cada região.

As ideias e metodologias desses autores sugerem que o estudo das civilizações deve ser uma tarefa coletiva e multidisciplinar, envolvendo não apenas a arqueologia, mas também a história, a antropologia, a sociologia e a linguística. A integração dessas áreas permite uma análise mais rica e complexa das origens e transformações das sociedades, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos processos históricos que nos moldaram. A obra de Childe, Ribeiro e Dantas, com sua diversidade de enfoques e análises, continua a fornecer as bases para a reflexão crítica sobre o passado, reforçando a importância de se adotar uma abordagem inclusiva e consciente das múltiplas influências que compõem a história das civilizações.

Assim, ao revisitar o trabalho de cada um desses autores, é possível perceber que a história das civilizações não é um processo linear ou homogêneo, mas uma trama complexa, onde se entrelaçam diferentes culturas, tecnologias e contextos históricos. O estudo dessas civilizações, longe de ser uma simples busca por verdades definitivas, é um convite à reflexão contínua sobre a natureza humana, suas transformações e seus legados. Em um momento em que o conhecimento se torna cada vez mais globalizado, é fundamental que continuemos a valorizar e integrar as diversas perspectivas sobre o passado, reconhecendo a riqueza e a complexidade das trajetórias que nos precederam.

REFERÊNCIAS

DANTAS, J. de A. *Indícios de uma civilização antiqüíssima*. João Pessoa: Governo do Estado/Secretaria de Educação e Cultura/Fundação Casa de José Américo/IHGPA União, 1994 (Biblioteca Paraibana, n. XI). 316 p.

CHILDE, G. *O Que Aconteceu na História*. Tradução de Waltensir Dutra. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DARWIN, C. *A Origem das Espécies*. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

RIBEIRO, D. *O Processo Civilizatório*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ENGELS, F. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.